

CORREIO NACIONAL



Alta incidência de infecções com risco oncológico

Ações de prevenção ao HPV focadas em pessoas trans

Dados preliminares de uma pesquisa feita com pessoas transgênero atendidas em dois centros de referência no Rio de Janeiro e em São Paulo detectou uma alta prevalência de HPV de alto risco para desenvolvimento de câncer. Para os pesquisadores, isso reforça a necessidade de ações de prevenção.

A pesquisa está sendo desenvolvida pela farmacêutica MSD em parceria com o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, da Fundação Oswaldo Cruz, e com o

Centro de Referência e Treinamento-DST/AIDS de São Paulo. No total, a pesquisa vai testar 300 pessoas transgênero, mas dados de 150 delas já foram divulgados e mostram que 53,3% tem algum subtipo do vírus, prevalência semelhante à média nacional.

No entanto, 97,5% dessas infecções são por subtipos do papiloma com alto risco de desenvolverem câncer, percentual bem acima da proporção da população em geral, que oscila entre 39,8% e 53,1%.

Arquitetos debatem soluções

Especialistas da área de arquitetura e urbanismo se reuniram nos últimos dias, em Brasília, para debater as principais questões envolvendo a vida nas cidades.

Os debates ocorreram durante a Conferência Internacional CAU 2025, promovida pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo

do Brasil. O evento reuniu cerca de 4,5 mil profissionais e foi encerrado neste sábado (6). A contribuição negativa da geografia urbana para as emissões de gases de efeito estufa foi um dos principais temas discutidos. A questão está em destaque em função dos preparativos para a COP 30.

Transição energética

A ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, Marina Silva, pediu o fim do uso dos combustíveis fósseis e do desmatamento, considerando as limitações de cada país. Em Adis Ababa, capital da Etiópia, a ministra participou na sexta do encerramento do Balanço Ético Global, iniciativa do

Brasil em parceria com a ONU para aumentar a participação da sociedade civil na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30), marcada para novembro em Belém. “Não podemos mais continuar sem atacar as causas da mudança do clima”, enfatizou a ministra.

Risco de clima seco

A permanência de massas de ar seco no interior do país e a pouca força da massa polar que atingiu as regiões Sul e Sudeste impediram a mudança do clima seco no interior do país. Neste domingo (7), a Defesa Civil do estado de São Paulo atualizou os alertas para risco de queimadas, com des-

taque para as condições críticas em todo o interior paulista.

Segundo o alerta, a situação é crítica, com risco considerado emergencial, em todo o norte, nordeste, noroeste e oeste paulistas, entre este domingo (7) e a quinta-feira (11). No dia 12, as condições começam a melhorar.

Prazo para preencher formulário

O Questionário do Estudante para concluintes de cursos de licenciatura inscritos na avaliação teórica do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes das Licenciaturas deve ser preenchido até 25 de outubro, portanto, até um dia antes da prova, agendada para 26 de ou-

tubro. O formulário está disponível desde o início do período de confirmação da inscrição na Prova Nacional Docente (PND) e pode ser acessado no Sistema da PND, dentro da “Página do Participante”, por meio do login único do portal de serviços do governo federal, o Gov.Br.

Bolsistas com deficiência

O Ministério da Educação destinará um auxílio adicional para contribuir com as despesas do acompanhante ou atendente pessoal do bolsista com deficiência no exterior. As regras para receber o benefício constam na Portaria nº 233/2025, publicada na quinta-feira,

4 de setembro.

O Auxílio-Acompanhante PCD é formado por quatro benefícios: a mensalidade, destinada à manutenção; o deslocamento, para aquisição de passagens; a instalação, usada em despesas iniciais de acomodação; e o seguro-saúde.

CNU 2025 em contagem regressiva: falta um mês

Prova objetiva será aplicada em 288 cidades no dia 5 de outubro

Paulo Pinto/Agência Brasil



Os mais de 761 mil inscritos confirmados no CNU 2025 precisam gerenciar o tempo

Revisar conteúdos ou estudar novas matérias? Fazer simulados de provas, identificar quais assuntos ainda precisam de mais atenção dos candidatos da segunda edição o Concurso Público Nacional Unificado ou descansar?

Os mais de 761 mil inscritos confirmados no CNU 2025 precisam gerenciar o tempo nesta reta final do certame, pois falta exatamente um mês para a realização das provas objetivas.

A segunda edição do concurso é organizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), sob coordenação do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) e da Escola Nacional de Administração Pública (Enap).

Diferentemente do CNU 2024, que teve as duas provas (objetiva e discursiva) aplicadas em um único dia (18 de agosto do ano passado), a segunda edição do chamado Enem dos Concursos terá provas realizadas em dois dias — a primeira fase em 5 outubro e a segunda em 7 dezembro.

Na primeira etapa, as provas serão aplicadas no turno da tarde, porém em horários diferentes:

Para cargos de nível superior (blocos temáticos 1 a 7), as provas objetivas serão realizadas das 13 horas (h) às 18 horas, no

horário oficial de Brasília.

Já os candidatos a cargos de nível médio/técnico (blocos 8 e 9) terão horário reduzido, de 13h às 16h30h.

Em todos os casos, os portões dos locais de provas serão fechados às 12h30 (horário de Brasília), meia hora antes do início.

O candidato deverá permanecer obrigatoriamente na sala de realização da prova objetiva por, no mínimo, duas horas após o seu início, e de, no mínimo, uma hora após o início das provas discursivas, em 7 de

dezembro.

Os inscritos que tiveram a solicitação de atendimento especializado aprovada para concessão de tempo adicional terão mais 60 minutos para realização das provas.

Prova objetiva

O CNU 2025 registrou 761.528 inscritos confirmados em 4.951 municípios. As provas serão aplicadas pela FGV em 228 cidades de todas as unidades da federação.

Para os cargos de nível superior, a prova objetiva será com-

posta por 90 questões, sendo 30 questões de conhecimentos gerais e 60 questões de conhecimentos específicos.

A prova objetiva para os cargos de nível intermediário será composta por 68 questões de múltipla escolha.

Os locais exatos das provas do certame, por questões de segurança, somente poderão ser consultados individualmente pelos candidatos a partir de 22 de setembro, quando for divulgado o Cartão de Confirmação de Inscrição (CCI), no site do concurso.

Renda baixa e racismo impedem conclusão do EM

O racismo estrutural e a necessidade de garantir renda são fatores que impedem jovens e adultos de concluir a educação básica no país.

A conclusão é do gerente de Monitoramento, Avaliação, Articulação e Advocacy do Itaú Educação e Trabalho, Diogo Jamra, com base na pesquisa Educação de Jovens e Adultos: Acesso, Conclusão e Impactos sobre Empregabilidade e Renda, divulgada nesta semana pela Fundação Roberto Marinho e pelo Itaú Educação e Trabalho.

“O país tem hoje um perfil de pessoas negras e de baixa renda que compõem os 66 milhões, com mais de 15 anos e fora da escola, que não concluíram a educação básica. Precisamos lidar com isso. O programa Educação de Jovens e Adultos [EJA] precisa entender que o público que vai atingir tem majoritariamente esse perfil”, disse em entrevista à Agência Brasil.

Especialista em políticas de educação e trabalho, ele aponta que um dos grandes motivos para que jovens não concluam a educação básica na idade adequada está relacionado à necessidade de renda e comecem a trabalhar. Segundo ele, é preciso articular políticas que garantam a educação básica às pessoas que têm maiores obstáculos para alcançá-la. “Uma iniciativa do governo federal como o programa Pé-de-Meia tende a dialogar com isso”, afirmou.

Jamra destacou ainda a influência de questões históricas estruturantes da sociedade brasileira, marcada por um passado de escravocrata, no acesso das pessoas à educação básica.

“A população negra é excluída das políticas públicas por uma questão histórica racista, de um racismo estrutural. [Essas pessoas] vão sendo empurradas para fora dessas políticas que não dialogam com elas”.



Crise climática ameaça tradição da cerâmica Waurá

Segundo a tradição do povo Waurá (ou Wauja), há muitos anos surgiu uma imensa cobra-canoa chamada Kamalu-hái. Essa entidade mítica carregava artefatos cerâmicos em seu dorso e foi com ela que os Waurá aprenderam a arte ancestral da cerâmica.

Antes de partir, a cobra-canoa deixou um presente simbólico: montes de argila depositados nas margens do rio. A partir desse material, os Waurá passaram a produzir suas próprias peças, iniciando uma tradição que se tornaria um dos pilares de sua identidade cultural.

Feitas artesanalmente e transmitidas de geração em geração, essas cerâmicas variam desde pequenos potes até grandes painéis. Servem tanto para o preparo e armazenamento de alimentos quanto para fins ritualísticos ou decorativos.

O processo de produção é cuidadoso e detalhado. Após serem moldadas à mão, as peças secam ao sol e passam por diversas raspagens até atingir a espessura ideal. Depois, são lixadas, polidas e, por fim,

queimadas ao ar livre. É nesse estágio que recebem sua característica mais marcante: a pintura com grafismos tradicionais, feita com pigmentos naturais.

Para confeccionar a cerâmica, os Waurá — habitantes do Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso — coletam barro diretamente do leito dos rios, que é então misturado com o cauxi, uma espécie de esponja de água doce ou coral que se forma nas raízes e troncos da vegetação submersa. Essencial na mistura, o cauxi evita rachaduras e dá liga ao barro.

“Primeiro a gente pega o barro no rio ou perto do rio. São os homens que mergulham para pegar”, explica Yakuwipu Waurá, liderança indígena, ceramista e professora da aldeia Piyulewene, no Parque do Xingu.

“A gente pega o barro e também o cauxi. O barro sozinho não se forma. Se usar só o barro, racha tudo. Então usamos o cauxi, que cresce nos pântanos ou beiras do rio. Ele se desenvolve quando o rio está cheio, por uns quatro ou cinco

meses. Depois morre sozinho”, detalha Yakuwipu.

Esse saber milenar, guardado e transmitido majoritariamente pelas mulheres ao longo de mais de mil anos, hoje enfrenta sérios riscos. As mudanças climáticas vêm encurtando o período de cheias e prolongando as secas, o que tem comprometido a disponibilidade do cauxi — peça-chave na produção cerâmica.

Além disso, todo o processo artesanal — que depende da coleta de barro, da queima com madeira específica (como o jatobá) e da pintura com grafismos tradicionais — está sendo afetado pelas transformações ambientais. A escassez desses insumos coloca em risco não só a produção, mas também a autonomia econômica das mulheres Waurá e a continuidade desse conhecimento cultural.

“Como o rio não sobe mais por cinco meses, mas só por três, ele já baixa rápido, e o cauxi não tem tempo suficiente para crescer. Ele não se forma mais como antes”, relata Yakuwipu.